

A reverberação do acontecimento

Antônio Augusto Braighi

Doutorando | UFMG

antonioaugustobraighi@gmail.com

Patrícia Resende

Mestre | CEFET-MG

patriciapereira@gmail.com

FRANÇA

Vera Regina Veiga

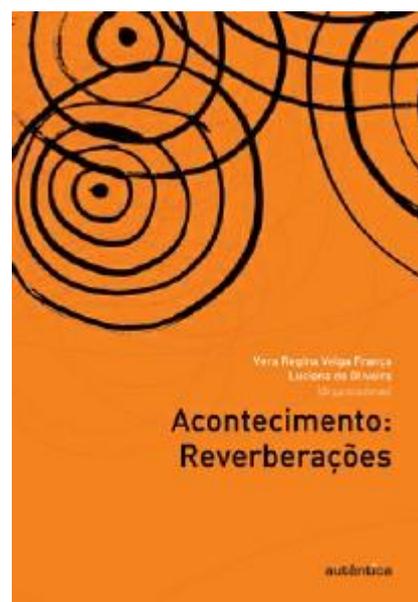
OLIVEIRA

Luciana de

Acontecimento:

Reverberações. Belo Horizonte,

Autêntica, 2012.



Aconteceu quando a gente não esperava. Aconteceu sem um sino pra tocar. Aconteceu diferente das histórias, Que os romances e a memória, Têm costume de contar. (Adriana Calcanhotto, Aconteceu).

Quando falamos em acontecimento, nas Ciências Sociais, os estudos desenvolvidos por Abraham Moles (1972) são logo citados, haja vista a referência seminal que representam. E muito se avançou desde os primeiros trabalhos do autor. Atualmente, em França, o

pesquisador Louis Quéré é um dos principais expoentes dessa área. Em terras brasileiras, muitas instituições destacam-se; entre estas, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que apresenta, em seu corpo docente, a professora Vera França, considerada também uma das principais entusiastas da temática.

Unir esses dois nomes em uma mesma obra sobre a perspectiva acontecimental seria garantia de qualidade. Imagine, então, se, no mesmo livro, estivessem presentes abordagens de outros tantos pesquisadores da área. É o que apresenta a Editora Autêntica, com “Acontecimento: reverberações” (2012), livro organizado pela supracitada professora Vera e por Luciana de Oliveira. Dividida em sete eixos temáticos, cada um com dois a três textos, o trabalho é resultado das discussões realizadas durante o II Colóquio Internacional em Imagem e Sociabilidade, ocorrido em maio de 2011, em Belo Horizonte. Organizado pelo Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (Gris/UFMG), que possui 18 anos de atuação, o evento contou com a participação de pesquisadores dessa universidade, de outras instituições brasileiras e também de nomes internacionais.

O ponto de interesse do livro, alerta as organizadoras no prefácio, são duas vertentes do acontecimento: a narrativa do fato e a crítica do acontecimento. Com isso, a obra tem início com duas conferências que atuam como forma de situar o leitor sobre as particularidades do conceito que norteia todos os artigos. Esse espaço conta com os textos “A vida dupla do acontecimento: por um realismo pragmatista”, de Quéré; e “O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística”, escrito por Vera França. No primeiro trabalho, Quéré discute a existência de dois tipos de acontecimentos: o que se dá no terreno do existencial, capaz de modificar o ambiente; e o dotado de significação, que abre um campo problemático.

Os pensamentos de Quéré são também o ponto de partida para o texto escrito por França. Neste, a organizadora do livro parte dos questionamentos deixados pelo pesquisador francês, no que diz respeito aos limites de abordagem do acontecimento. Resgatando trabalhos anteriores, França argumenta que os acontecimentos tiram os eventos de ordem, tornando possível que novos enquadramentos sejam realizados. Afinal, como nos diz a autora, “o acontecimento suscita a não conformação, a renovação – e esta é, sobretudo, do pensamento” (2012, p. 50).

Já o segundo eixo temático da obra, intitulado *Acontecimentos e midiatização do mundo vivido*, tem início com “Acontecimento e Memória”, de Isabel Babo-Lança, que se

concentra em fazer uma reflexão sobre a maneira como a mídia contribui com a memória coletiva. O trabalho da pesquisadora portuguesa divide espaço, nessa seção, com “Propagação telemática dos acontecimentos e novos afazeres midiáticos”, escrito por Beatriz Bretas, no qual é discutida a relação entre acontecimento e a Internet.

Com três artigos, a terceira parte, *O acontecimento na vida cotidiana*, tem como ponto principal a reflexão sobre o modo como o conceito relaciona-se com o público. Essa proposta torna-se mais clara com o texto “O acontecimento tomado pela palavra: um *talk-show* sobre a morte de Osama Bin Laden”, de Alain Bovet, em que o pesquisador francês discute o modo como os programas do gênero contribuíram como forma de confirmar, por meio da palavra, a (suposta)¹ morte do terrorista.

Escrito por Eduardo Duarte, “A experiência estética pública na construção do cotidiano e seus acontecimentos” tem a proposta de, por meio de uma sólida base filosófica, refletir sobre a maneira como as práticas passadas para as gerações seguintes atuam como meio para formular uma série de juízos. Responsável por encerrar o terceiro eixo temático, “Na onda dos acontecimentos cotidianos”, o professor Paulo Vaz parte do princípio de que o acontecimento está em toda parte, integrando as capas das revistas, na conversa entre amigos e em outros momentos da vida ordinária.

Também com três artigos, *Expressivismo e política: produção de acontecimentos e performances de agentes*, quarta parte do livro, trabalha de modo mais profundo com a inter-relação da tríade acontecimento *versus* experiência *versus* ação, problematizando a condição dos sujeitos afetados pelos campos problemáticos em situações muito particulares que podem fomentar envolvimento político, a mobilização social e a ocupação do espaço público. Isto é, relativiza-se: podem. Conforme propõe Joan Stavo-Debauge, em um dos momentos mais instigantes – e, dir-se-ia, contraditório a uma linha reflexiva sobre o potencial e o poder de revelação do acontecimento (QUERÉ, 2005) –, pode haver uma “(in)experiência das vítimas e a ‘mitologia do acontecimento’”.

Stavo-Debauge chama nossa atenção para o fato de que, se o acontecimento é um choque, ele só pode ser portador de positividade sob a condição de ser percebido e transformado em ação coletiva. A questão levantada pelo autor é um convite a uma nova apreensão da problemática das relações entre atividade e passividade no âmbito da experiência do acontecimento. (FRANÇA; OLIVEIRA, 2012, p. 13)

¹ Suposta, pois a incerteza sobre a morte do terrorista é lançada no meio dos campos problemáticos que cercam o acontecimento em questão.

No mesmo capítulo, Ângela Marques, em “Acontecimento e criação de comunidades de partilha: o papel das ações comunicativas, estéticas e políticas”, inicia a discussão levando em conta o modo como o acontecimento pode tornar-se uma ação partilhada e a sua representatividade para a resolução conjunta de problemas em comunidades. Encerram-no Laura Corrêa e Miriam Chrystus, com “No adro da igreja: o assassinato de mulheres e a potencialização de acontecimentos entrelaçados”, em que procuram discutir, de um lado, a repercussão midiática e, de outro, os atos de movimentos sociais feministas provocados pelo assassinato de duas mulheres pelos próprios maridos, em Belo Horizonte da década de 1980, fazendo emergir os campos problemáticos relacionados à violência contra mulher e as justificativas da época.

A quinta parte tem como foco o universo das personalidades públicas. Com o título *Diferentes estatutos dos personagens públicos: heróis, mártires e celebridades*, o eixo temático conta com o artigo “Nobert Zongo: das margens sociais ao coração do Estado – a constituição de um personagem público”, de Habibou Fofana. No texto, o pesquisador discute a maneira como o brutal assassinato de um jornalista em Burkina Faso, na África, emerge enquanto acontecimento e constitui-se enquanto propulsor para um movimento nacional de protestos no país.

A constituição e representatividade do nome Norbert Zongo contrasta com a de outros personagens que insurgem na cena midiática e ganham visibilidade por motivos diversos; tal como a do empresário Eike Batista, um dos brasileiros mais ricos do mundo, que teve seu processo de celebração refletido no texto “Eike Batista, o ‘bilionário popstar’: um estudo sobre a celebração midiática do empreendedorismo”, em trabalho de João Freire Filho e Mayka Castellano. Ao lado deste, também é discutida a maneira como se fazem presentes o ex-jogador de futebol Ronaldo e Rodrigo Pimentel, ex-policia e autor do livro *Elite da Tropa*. Essa reflexão pode ser lida em “Duas vinculações possíveis entre personagens públicos e acontecimentos: diferentes modos de atuação na vida pública”, das pesquisadoras Lígia Lana e Paula Simões. As vinculações que as autoras apontam dão conta das celebridades que se constroem enquanto acontecimento (Ronaldo, por sua trajetória); e as que se arquitetam com base no acontecimento (Pimentel, pelo sucesso de público do filme *Tropa de Elite*).

A penúltima parte, *A marca dos acontecimentos no país e em sua população*, é concentrada na discussão sobre o impacto causado em uma nação quando ocorre um episódio que se institui enquanto acontecimento. Essa questão é abordada por Paola Diaz, em “Os 30 anos do 11 de Setembro de 1973 no Chile: comemoração de uma data”, no qual é relembrado o processo de deposição do presidente Salvador Allende, do Chile, e o discurso do presidente Ricardo Lagos, durante o aniversário de trinta anos da data, em 2003².

Cuba é o outro país que serve como ponto de partida para a reflexão proposta nesse eixo temático. Escrito por Márcio Serelle, o artigo “*Posts de uma revolução em declínio: Cuba na narrativa de Yoani Sánchez*” usa como objeto empírico os relatos da blogueira Yoani Sánchez sobre a situação do país. A seção é encerrada com “Acontecimentos violentos, ressentimento e as marcas de uma interpretação”, de autoria do professor da UFMG, Elton Antunes, no qual reflete sobre os acontecimentos que são capazes de modificar toda uma população, ainda que não se registrem como cisura histórico-temporal da nação, com base na leitura da métrica midiática para narrar crimes violentos e as implicações da mesma.

O livro encerra-se na sétima parte com *Acontecimento e movimentos sociais*, contando com três artigos. Tendo como foco o conflito entre agricultores e ambientalistas, em torno dos métodos agrários intensivos, em Bretanha (França), Louis Quéré e Cédric Terzi discutem o modo como esse confronto colocou em evidência várias questões, como, por exemplo, qual lado tinha propriedade sobre o assunto (empirismo *versus* ciência), no artigo “Os fundamentos sensíveis da experiência pública”.

Outro texto que compõe essa parte é “Acontecimentos e resistência: mulheres contra a Aracruz”, de Christa Berger, no qual a ocupação de um horto florestal no Rio Grande do Sul é o pano de fundo do debate proposto pela autora, no qual é investigada a forma como o acontecimento circulou como notícia na Internet e jornais. Finalmente, o último texto a ser conferido na obra, “Quando o agenciamento do sujeito acontece”, de Marta Maia, tem o propósito de averiguar a forma como os acontecimentos atuam como instigadores para que as pessoas mobilizem-se. De forma leve e didática, Marta apresenta a personagem Maria, como forma de conduzir o leitor pelo artigo, demonstrando a complexidade dos sujeitos e das organizações sociais quando o assunto é mobilização. Maria é, enfim, qualquer um, “já que Maria pode ser cada um de nós” (2012, p. 327).

² Como anotação paralela, é interessante pensar na pujança desse acontecimento para determinados grupos, em frente ao 11 de Setembro de 2001 (ataque ao *World Trade Center* nos E.U.A) – esse último enquanto marca presente para compreensão dos campos problemáticos envolvendo a morte de Osama Bin Laden, discutida na Parte três do livro em resenha.

Por fim, registra-se que os limites do presente texto são extremamente ínfimos perto da grandeza da obra resenhada. Isto é, não só em razão da extensão em suas mais de 300 páginas, ou dos 19 textos que a compõem, mas da representatividade do tema para a contemporaneidade em frente à complexidade das abordagens expostas. Cada texto merece ser visitado e lido para além da rápida e superficial sinopse empreendida aqui. Entretanto, provavelmente a sensação que o leitor terá ao findar a leitura de todos os artigos (não que esta seja a proposta, mas caso se embrenhe por essa magnífica *ilíada*) é a que o acontecimento justamente impele: inquietação, sensação de incompletude, os pés na chapa quente, como queiram, pois parece ser neste ponto em que se encontra o estado da arte dos estudos sobre o acontecimento: um emaranhado de questões a serem (re)discutidas e uma infinidade de fenômenos e objetos a serem analisados.

França e Oliveira, com a clareza que detêm sobre o tema, fazem uma apresentação do livro que dispensaria qualquer resenha. Entretanto, nosso intuito é de alguma forma fomentar justamente o que as autoras ratificam ao findar a abertura da obra: “devemos falar não na banalização dos acontecimentos, mas na sua intensificação, bem como numa alteração na dinâmica temporal da própria experiência” e que os textos apresentados, em *Acontecimento: Reverberações*, “atestam, sem dúvida, que nós, especialistas, desafiados pelas mudanças, temos sim, muito a dizer sobre elas.” (FRANÇA; OLIVEIRA, 2012, p.18).

Referências

FRANÇA, Vera; OLIVEIRA, Luciana. **Acontecimento**: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

MOLES, Abraham. Notes pour une typologie des événements. **Communications**, Paris: Seuil, n. 18, 1972.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**: revista da comunicação, cultura e educação, Lisboa, n. 6, p.59-74, 2005.

Recebido em 27/08/2013

Aceito em 03/09/2013